

## A HOMOFOBIA EM TOXICODEPENDENTES

CONFLITOS COM O PAPEL DE GÊNERO, ATRIBUTOS PESSOAIS E ATITUDES PERANTE AS MULHERES

PAULO LOPES  
MIGUEL FARIA

**RESUMO:** A presente investigação teve como objectivo o estudo das atitudes homofóbicas em toxicodependentes. Foram recolhidos um total de 534 questionários de sujeitos de ambos os sexos (90 técnicos (M = 31.13; DP = 7.99), 149 estudantes universitários (M = 24.92; DP = 6.33), 41 ex-toxicodependentes (M = 33.34; DP = 5.54) e 254 toxicodependentes em programa de substituição opiácea de baixo limiar (M = 32.77; DP = 6.81), com idades compreendidas entre os 18 e os 58 anos (M = 30.35; DP = 7.61). Os resultados mostraram que o grupo de toxicodependentes obteve índices mais elevados de homofobia e conflito com o papel de género, comparativamente com os ex-toxicodependentes, técnicos e estudantes universitários. Verificou-se igualmente um nível mais elevado de atitudes homofóbicas nos sujeitos de sexo masculino. Segue-se a discussão dos resultados.

**Palavras-chave:** Toxicodependência; Atitudes Homofóbicas; Conflitos com o Papel de Género e Atributos Pessoais.

**RÉSUMÉ:** Cette étude a le but d'évaluer les attitudes homophobiques en toxicomanes. Pour évaluer les attitudes homophobiques, ont été étudiés 534 sujets des deux genres (90 techniciens (M = 31.13 ; DP = 7.99), 149 étudiants universitaires (M = 24.92 ; DP =6.33), 41 ex-toxicomanes (M =

33.34 ; DP = 5.54) et 254 toxicomanes en programme de substitution des opiacés (M = 32.77 ; DP = 6.81), âgés de 18 à 58 ans (M = 30.35 ; DP = 7.61). Les résultats montrent que le groupe des toxicomanes a obtenu des indices plus haut d'homophobie et de conflits avec le rôle de genre, en comparaison avec les ex toxicomanes, techniciens et étudiants universitaires. En ce qui concerne la différence de genres, on a vérifié que le genre féminin est moins homophobique que le genre masculin.

**Mots-clé:** Toxicomanie; Attitudes homophobiques; Différences de genre; Personnalité.

**ABSTRACT:** This study aims to evaluate homophobic attitudes among drug addicts. To evaluate these attitudes, were studied 534 persons of both genders (90 experts (M = 31.13; DP = 7.99), 149 college students (M = 24.92; DP = 6.33), 41 former drug addicts (M = 33.34; DP = 5.54), and 254 drug addicts in a low threshold substitution programme for opiates (M = 32.77; DP = 6.81), aged between 18 to 58 years (M = 30.35; DP = 7.61). The results show that the group of drug addicts revealed higher indicators of homophobia and conflicts within the gender role, in comparison with the former drug addicts, experts and college students. Regarding the gender differences, the results showed that the females were less homophobic than the male gender.

**Key Words:** Drug addiction; Homophobia; Gender conflicts; Personality.

## 1. INTRODUÇÃO

Hoje mais do que nunca, a toxicodpendência surge na encruzilhada de múltiplas dimensões que se interpenetram na vida humana, designando a maioria das vezes a figura caricatural de usos nocivos, autodestrutivos e alienantes (Morel, Hervé & Fontaine, 1998). Na sua etiologia e segundo Olievenstein (1979), a toxicodpendência é o encontro de uma personalidade, de um produto e de um momento sócio-cultural, replicando a visão de Timothy Leary, que já vinte anos antes introduzira a importância da confluência de três factores que individualizariam a experiência – *substance*, *set* e *setting*. Partindo da dimensão psicossocial, a toxicodpendência afasta-se de uma forma de auto-exclusão da realidade para emergir como uma tentativa de ultrapassar os fracassos do vínculo social e do processo de identidade (Morel *et al.*, 1998). O consumo de drogas ganha assim um sentido auto-erótico que visa não só a satisfação do desejo e impulso sexual mas também uma forma de negação da sexualidade. As alternativas são, na maior parte dos casos, ter relações sexuais com pessoas igualmente toxicodpendentes, como se a toxicodpendência viesse ocultar ou tomar o lugar da identidade sexual, fornecendo ao sujeito uma outra identidade. Surgem personalidades sem identidade sexual definida, e conseqüentemente com conflitos com o papel de género, e cuja existência é marcada por uma grande permeabilidade às influências externas e necessidades internas (Bergeret, 1984).

Torna-se para nós pertinente poder clarificar, num país como o nosso, com uma tradição de valorização muito grande da sexualidade masculina, a existência de um sector da população masculina que aceita ter um comportamento que põe em causa a sua própria sexualidade, bem como, a atitude da população heroinómana no que diz respeito às atitudes homofóbicas, ao conflito com o papel de género masculino e atitudes perante as mulheres, como indicadores da perturbação da identidade sexual.

Os valores acerca da sexualidade existem a nível cultural e são suportados pelas instituições das sociedades, como a escola, a família e a religião, indo afectar as normas e as atitudes acerca da sexualidade dos indivíduos de

determinada sociedade (Sprecher & McKinney, 1993).

Segundo Crooks e Baur (1996), ser masculino significa ser dominante e agressivo, enquanto que ser feminino significa ser submisso e passivo. Desta forma está criada uma visão social em que os homens são ensinados a lutar por aquilo que querem, enquanto que as mulheres são ensinadas a ser passivas, tolerantes e a colocar as necessidades dos homens à frente das suas próprias necessidades. Ainda segundo os mesmos autores, o modelo da homossexualidade está ausente, quer nos livros infantis, quer na programação televisiva infantil, colocando o casamento como o maior objectivo para um homem, sendo o próprio homem a dar o suporte emocional à mulher.

É comum pensar-se que a homossexualidade é o contacto sexual entre sujeitos do mesmo sexo. Contudo, esta definição é incompleta, pois não tem em consideração duas importantes dimensões: o contexto em que a actividade sexual é vivenciada e os sentimentos e percepções dos sujeitos envolvidos. Assim, um sujeito homossexual é um indivíduo cujo primeiro interesse erótico, psicológico, emocional e social é para com sujeitos do mesmo sexo, mesmo que esse interesse não seja expresso (Crooks & Baur, 1996).

Whitley (citado por Kite, 1992), afirma que a maioria dos homens e aproximadamente metade das mulheres associam o termo homossexualidade ao género masculino e, menos frequentemente, ao feminino, o que quer dizer que estes termos, têm conotações diversas segundo as pessoas.

O termo homofobia é usado para descrever uma repulsa face às relações afectivas e sexuais entre as pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais e a todos os aspectos do preconceito e da discriminação anti-homossexual, sendo este sentimento muitas vezes originado pelo desconhecimento e por mitos populares, de que a homossexualidade é uma doença prejudicial à sociedade (Lunn, 1993; Crooks & Baur, 1996). Ainda segundo os mesmos autores, o termo foi utilizado pela primeira vez na década de 70, sendo definido pelo medo de amar ou estar intimamente com alguém do mesmo sexo e o ódio à existência desses sentimentos noutras pessoas.

Para Bancroft (1983), a hostilidade em relação aos homossexuais pode ser uma defesa contra a percepção de si, ou contra as tendências homossexuais presentes no

próprio sujeito, daí surgindo sentimentos homofóbicos que, Sprecher e McKinney (1993), definem como atitudes negativas e temíveis acerca dos homossexuais ou da homossexualidade. A homofobia é uma resposta comum em relação à homossexualidade e que está associada a diversas variáveis demográficas, como a idade, as habilitações literárias ou a naturalidade. Os heterossexuais que, de alguma forma, se sentem inseguros em relação à sua competência ou identidade sexual podem garantir a sua auto-confiança atacando os homossexuais (Bancroft, 1983). A homofobia apresenta várias manifestações, podendo surgir de uma forma subtil, quase inconsciente, evidenciando-se nas conversas sobre homossexualidade o carácter jocoso e depreciativo, como forma de minimizar a hostilidade e os sentimentos agressivos. Estes sentimentos também podem ser exteriorizados de forma instrumental, colocando em risco quem é tido por homossexual, através de comportamentos agressivos, de violência física e verbal. Outra forma de expressão da homofobia, pode ser um claro evitamento de qualquer tipo de comportamento que possa ser interpretado como homossexual, bem como o evitamento de contactos (Crooks & Baur, 1996).

Em relação à diferença entre sexos, vários estudos foram elaborados no sentido de perceber a prevalência da homofobia quer no sexo masculino quer feminino. Os resultados indicam que os homens apresentam maior prevalência de atitudes negativas e homofóbicas, do que as mulheres (Hansen, 1982; Kite, 1992; Van de Ven, 1994; Whitley & Kite, 1995, citados por Crooks & Baur, 1996). No entanto, Kurdek (1988), afirma que a prevalência deste tipo de comportamento é idêntica nos dois géneros, apesar de em alguns estudos deste autor, as mulheres apresentarem menor prevalência de atitudes homofóbicas em relação aos homens. Num estudo de 1992, Kite afirma que os sujeitos que desenvolvem crenças e cognições relacionadas com a sua virilidade, apresentam índices mais elevados e maior prevalência de atitudes homofóbicas, do que os sujeitos que se percebem como menos viris ou mais femininos. A autora, não só afirma que os resultados encontrados não são influenciados pelo efeito de desejabilidade social, como diz verificar-se uma tendência para que os sujeitos com maior auto-estima apresentem menor prevalência de atitudes homofóbicas.

Vários investigadores estudaram a forma como determinados traços de personalidade influenciam as representações acerca da sexualidade. Assim, sujeitos que se percebem como pessoas desejáveis, com elevada auto-estima e boa capacidade de controlo, gosto por novas experiências, uma visão menos tradicional dos papéis sexuais, menor culpabilidade em relação à sexualidade, apresentam menor homofobia (Delamater & MacCorquodole, 1979; Hendrick & Hendrick, 1987b; Mercer & Kohn, 1979; Snyder, Simpson, & Gangestad, 1986, citados por Sprecher & McKinney, 1993). Outros factores associados a um maior índice de homofobia, são o género masculino, a baixa diferenciação intelectual, pertencer a uma faixa etária mais elevada, adoptar valores tradicionalistas, conservadores e religiosos, ser solteiro e de origem rural (Britton, 1990; Seltzer, 1992).

As alterações do papel do género são, muitas vezes percebidas por outros homens como assustadoras, pois podem ser interpretadas como características muito próximas às representações existentes em relação às mulheres, consideradas pelo estereótipo masculino tradicional, como o sexo fraco. A homofobia pode ser, deste modo, relacionada com o papel de género masculino tradicional, em que os indivíduos que possuem estes estereótipos mais acentuados, tendem a ter uma maior prevalência de atitudes homofóbicas. Contudo, estas atitudes podem mudar durante a vida do sujeito, tal como foi demonstrado numa amostra de estudantes universitários antes da entrada no estabelecimento universitário e após a conclusão da licenciatura (Stevenson, 1990; Walters, 1994, citados por Crooks & Baur, 1996).

O papel de género masculino é caracterizado por factores como, o poder, a ambição, a competição, a agressividade e por uma menor tendência para a expressão das emoções, ou emocionalidade restrita, sendo definido por O'Neil (1982), como o conjunto dos componentes não fisiológicos do sexo, culturalmente aceites como adequados a um dos géneros. Contudo, esta definição não deve ser confundida com a de identidade de género que Crooks e Baur (1996), afirmam ser referente ao sentimento individual de ser-se homem ou mulher, mesmo que este sentimento não seja congruente com o sexo biológico, nem com o papel de género.

O conflito com o papel de género masculino, é definido como um estado psicológico, em que os padrões de socialização provocam atitudes ou consequências negativas sobre o indivíduo, estando muitas vezes relacionado com outros factores como, a insatisfação na relação com o outro e o abuso de substâncias psicoactivas (Moradi, Tokar, Schaub, Jome & Serna, 2000).

Outros estudos têm também suportado a noção que o isolamento, a depressão e o abuso de substâncias estão relacionadas com o conflito com o papel de género (Ritter & Cole, 1992), afirmando ainda que este conflito está associado nos homens a vários problemas emocionais e psicológicos.

Nos toxicoddependentes é comum ver-se dificuldades em criar e manter relações próximas, preocupar-se em cuidar do outro ou de si próprio, reconhecer as necessidades emocionais. Instala-se uma considerável confusão entre intimidade e sexo, sexualidade e agressão. À dependência da droga, associa-se a inabilidade para verbalizar emoções. Salientamos que neste padrão, está também implícito o medo da feminilidade (Ritter & Cole, 1992), que reforça esta inabilidade. Ainda segundo os mesmos autores, nos sujeitos toxicoddependentes é notória a dificuldade para lidar assertivamente com as expectativas sociais, o que os leva a afirmar que os toxicoddependentes, comparativamente com sujeitos não consumidores de drogas, apresentam níveis superiores de conflito com o papel de género.

A problemática de identidade e de afirmação masculina está muito presente nos toxicoddependentes do sexo masculino, existindo com frequência dúvidas em relação à própria orientação sexual. Nos toxicoddependentes está presente a inibição e a timidez, funcionando a heroína como um redutor da ansiedade para a actividade sexual. Tem também outra função, na população toxicoddependente masculina, a de tornar desnecessária a actividade sexual como afirmação da virilidade, passando esta a traduzir-se através das sucessivas transgressões do consumo tóxico. A coragem para drogar-se, injectar-se, enfrentar os pais, a polícia e a sociedade são, para o toxicoddependente, a afirmação da sua masculinidade. A prática sexual, como afirmação da masculinidade, é substituída pela toxicoddependência, uma vez que ocorre igualmente a substituição do objecto de amor, com a

erotização da substância e respectivo ritual de consumo. A toxicoddependência passa a ser um meio para sentir-se acompanhado, para ultrapassar o isolamento e as dificuldades relacionais, fingindo que se criam relações importantes, quer com outros toxicoddependentes quer com a droga (Miguel, 1990).

O objectivo deste estudo é avaliar o grau das atitudes homofóbicas em toxicoddependentes, utilizando como termos de comparação, ex-toxicoddependentes e sujeitos não consumidores de substâncias psicoactivas ilícitas.

Espera-se que a população toxicoddependente apresente índices superiores de atitudes homofóbicas e conflitos com papel de género em relação à população de não consumidores de drogas e ex-toxicoddependentes. Espera-se ainda que na amostra total, os homens apresentem mais atitudes homofóbicas do que as mulheres.

## 2. MÉTODO

### 2.1 Participantes

A amostra foi constituída por 534 sujeitos de ambos os sexos, divididos em três grupos: 239 sujeitos não consumidores de droga (nunca consumiram qualquer tipo de droga ilícita), dos quais 149 são estudantes universitários, 81 do sexo masculino e 68 do sexo feminino, e 90 técnicos de instituições de intervenção em toxicoddependência, 39 do sexo masculino e 51 do sexo feminino; 254 sujeitos toxicoddependentes em programa de metadona (programa de substituição opiácea de baixo limiar), 179 do sexo masculino e 75 do sexo feminino, constituído por utentes do Gabinete de Apoio ao Toxicoddependente do Casal Ventoso, Centro de Acolhimento de Alcântara e Ponto de Contacto/Unidade Móvel – Lisboa; e 41 sujeitos ex-toxicoddependentes, 28 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, que estão em abstinência, num período de tempo mínimo, superior a dois anos.

A média de idade encontrada para os estudantes universitários foi de 24.92 anos (DP = 6.33;  $p \leq .001$ ), inferior e estatisticamente significativa em relação aos ex-toxicoddependentes (M = 33.34; DP = 5.54), toxicoddependentes (M = 32.77; DP = 6.81) e aos técnicos (M = 31.13; DP = 7.99) (Ver tabela 1).

Relativamente ao estado civil foi encontrada uma diferença

significativa entre os grupos ( $\chi^2 (9) = 67.42$ ;  $p \leq .001$ ), o que se traduz pelo facto da maior parte dos toxicodependentes (62.2%) e estudantes universitários (86.6%) serem solteiros, enquanto que para os técnicos e ex-toxicodependentes, existe uma percentagem equivalente entre sujeitos casados e solteiros.

Para a situação profissional foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos ( $\chi^2 (9) = 524.45$ ;  $p \leq .001$ ), no sentido da maior parte dos toxicodependentes (69.3%) estarem desempregados e dos técnicos (100%) e ex-toxicodependentes (92.7%) estarem

empregados. No caso dos estudantes universitários, a maior parte são só estudantes (61.1%), sendo os restantes (38.3%) trabalhadores estudantes (Ver tabela 1).

Os dados relativos às habilitações literárias demonstram também a existência de diferenças significativas entre os grupos ( $\chi^2 (15) = 562.45$ ;  $p \leq .001$ ), o que se traduz na tendência para os técnicos (34.4%) serem maioritariamente licenciados, os estudantes universitários obviamente em frequência universitária, e os ex-toxicodependentes (41.5%) e toxicodependentes (50.8%) estarem situados maioritariamente no secundário incompleto (Ver tabela 1).

**Tabela 1** – Variáveis sócio-demográficas

Grupos	Toxicodependentes			Ex-toxicodependentes			Técnicos			Est. Universitários			
	M	DP	n	M	DP	n	M	DP	n	M	DP	n	p
Idade	32,77	6,81	254	33,34	5,54	41	31,13	7,99	90	24,92	6,33	149	.000
Sexo													
Masculino			179			28			39			81	
Feminino			75			13			51			68	
Etnia													.562
Caucasiana			232			41			85			138	
Negra			20						4			10	
Outra			2						1			1	
Estado civil													.000
Solteiro			158			20			46			129	
Casado/União de facto			47			14			37			15	
Separado/Divorciado			44			7			6			5	
Viúvo			5						1				
Naturalidade													.037
Meio urbano			220			40			71			125	
Meio rural			34			1			19			24	
Situação profissional													.000
Empregado			57			38			90			57	
Desempregado			176			3						1	
Estudante			25									91	
S/ profissão			16										
Habilitações Literárias													.000
Instr. Primária			48						1				
Sec. Incompleto			129			17			15				
Sec. Completo			60			13			18				
Freq. Universitária			14			10			21			149	
Bacharelato									4				
Licenciatura			3			1			31				

No que diz respeito à idade de início de consumo de drogas dos toxicodependentes foram consideradas quatro faixas etárias: 12 anos ou menos, 13-16, 17-20 e 21 ou mais anos. Os dados obtidos identificam uma média total de 16.34 anos, com desvio padrão de 4.49 anos, tendo maiorita-

riamente os sujeitos iniciado os consumos, entre os 13 e os 16 anos (51.57%).

Em relação à causa dos consumos, 76.77% dos toxicodependentes apontaram como principal causa a curiosidade, 9.84% problemas pessoais, 9.45% problemas

familiares, 2.36% problemas sociais e 1.57% outra causa (Ver tabela 2).

No que diz respeito à primeira droga consumida, verificou-se que 80.71% dos sujeitos iniciaram os seus consumos pelo haxixe, tendo os restantes iniciado os seus consumos pela heroína (7.48%), cocaína (6.69%), anfetaminas (2.36%),

benzodiazepinas/tranquilizantes (1.97%) e cola (0.79%).

Em relação à droga de preferência, verificou-se que 51.18% dos sujeitos preferem a heroína, tendo os restantes como preferência a cocaína (26.38%), haxixe (18.90%), alucinogéneos (1.99%), benzodiazepinas/tranquilizantes (0.79%), anfetaminas e cola (0.39%) (Ver tabela 2).

**Tabela 2** – Causas de consumo, 1ª droga consumida, droga preferida e idade do 1º consumo, por sexo

	Toxicodependentes						p
	Sexo masculino			Sexo feminino			
	n	M	DP	n	M	DP	
Início consumo	179	16.58	4.14	75	17.48	5.23	
	Sexo masculino			Sexo feminino			
	n			n			
Causa dos consumos							.002
Curiosidade	140			55			
Problemas familiares	17			7			
Problemas sociais	3			3			
Problemas pessoais	16			9			
Outro	3			1			
1ª droga consumida							.000
Haxixe	147			58			
Anfetaminas	6						
Alucinogénios				1			
Bzd/Tranquilizantes	4			3			
Heroína	16						
Cocaína	4			13			
Cola	2						
Droga preferida							.004
Haxixe	34			14			
Anfetaminas	1						
Alucinógenos	5						
Bzd/Tranquilizantes	1			1			
Heroína	89			41			
Cocaína	48			19			
Cola	1						
Idade 1º consumo							.000
9-12 anos	18			10			
13-16 anos	98			33			
17-20 anos	34			13			
21 ou mais anos	24			19			

## 2.2 Instrumentos

**Dados sócio-demográficos.** Avaliados por um conjunto de questões onde se pretendia obter informações relativas às variáveis idade, sexo, naturalidade, etnia, estado civil, habilitações literárias, situação profissional, relação actual com parceiro(a), religião, composição do agregado familiar, situação conjugal dos pais e variáveis relacionadas com a idade de início de consumo de droga, principal razão que

levou ao consumo, primeira droga consumida, droga preferida e tempo de abstinência.

**Atitudes face à Homossexualidade.** Avaliada através da Escala de Atitudes perante a Homossexualidade (EAH; Faria, M. & Almeida, I., 2000), tradução efectuada a partir da Homosexuality Attitude Scale (HAS; Kite, M., & Deaux, K., 1986) que é constituída por 21 itens, sendo a resposta fornecida através de uma escala tipo *Likert* de 5 pontos (de

1. Concordo Muito a 5. Discordo Muito). A pontuação total varia entre 21 e 105, com os valores mais elevados a corresponder a atitudes menos homofóbicas.

A EAH tem uma boa consistência interna, com um valor  $\alpha$  de Cronbach de 0.93, tendo igualmente uma boa fidelidade em termos de teste-reteste (26 homens e 54 mulheres com intervalo de um mês), com uma correlação igual a 0.71. No nosso estudo foram encontrados valores de consistência interna,  $\alpha$  de Cronbach, de 0.91.

**Atributos Pessoais.** Avaliados através do Questionário de Atributos Pessoais (QAP; Faria, M. & Baptista, A., 1999). Tradução efectuada a partir do Personal Attributes Questionnaire (PAQ; Spence, Helmreich & Stapp, 1974) que é uma medida onde é pedido aos sujeitos para se auto-avaliarem em relação a um conjunto de atributos pessoais. O questionário é constituído por 24 itens, com formato de resposta numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1. Nada activo a 5. Muito activo) e que medem a intensidade de vários traços, por exemplo, activo, independente, competitivo e persistente, como traços masculinos, emotivo, gentil, caloroso e prestável, como traços femininos e agressivo, dominador, compreensivo e sensível, como traços de androginia. É composto por três sub-escalas: masculinidade ou instrumentalidade, que é constituída por oito itens, apresentando uma nota global que pode variar entre 8 e 40; feminilidade ou expressividade, também composta por oito itens e a sua pontuação total varia entre 8 e 40 e androginia. O estudo das suas qualidades psicométricas evidenciou valores de  $\alpha$  de Cronbach para a sub-escala masculinidade de 0.85 e para a sub-escala feminilidade de 0.82. A sub-escala androginia apresenta propriedades psicométricas mais fracas, não sendo habitualmente usada, embora esteja presente na determinação da nota global (Spence & Helmreich, 1978b). No nosso estudo foram encontrados valores de consistência interna,  $\alpha$  de Cronbach, de 0.66 para a masculinidade e 0.81 para a feminilidade.

Em relação à validade, o QAP demonstrou diferenças significativas entre os sexos. Os homens obtiveram valores significativamente mais altos na sub-escala M e baixo na sub-escala F no sentido feminino. As diferenças entre estes estereótipos de sexo, torna-se essencial para a validade do questionário enquanto medida de masculinidade/feminilidade (Spence & Helmreich, 1978b).

**Conflito com o Papel de Género.** Avaliado através da Escala de Conflito com o Papel de Género (ECPG; Faria, M & Cardoso, R., 1998), versão traduzida da Gender Role Conflict Scale-I (GRCS-I; O'Neil, Good & Holmes, 1995). É uma medida de auto avaliação que mede a intensidade dos conflitos dos homens com o respectivo papel de género. É composta por 37 itens, com formato de resposta numa escala tipo *Likert* de 6 pontos (1. Discordo Muito a 6. Concordo Muito). É composta por 4 sub-escalas: sucesso, poder e competição (SPC), composta por 13 itens, avalia as preocupações a nível da realização pessoal, competência e estatuto profissional e tem uma nota que pode variar entre 13 e 78; emocionalidade restrita (ER), que avalia as dificuldades e receios na expressão dos afectos e incapacidades de os expressar convenientemente, é composta por 10 itens e produz uma pontuação que pode variar entre 10 e 60; comportamento afectivo restrito entre homens-homofobia (H), composta por oito itens que estão relacionados com dificuldades na expressão de sentimentos para com outros homens ou dificuldades em tocá-los variando a sua pontuação entre 8 e 48; conflitos entre trabalho e relações familiares (CTRF), que avalia o desequilíbrio entre o investimento na actividade profissional e familiar, resultando em problemas de saúde, stress ou excesso de trabalho, é composta por seis itens e a sua nota varia entre 6 e 36. Os valores mais elevados para as 4 subescalas, correspondem a um maior desejo de sucesso, poder e competição, maior emocionalidade restrita, mais comportamentos afectivos restritos entre homens (mais homofóbicos) e maiores conflitos entre trabalho e relações familiares, o que traduz maior nível de conflito com o papel de género.

O estudo das suas qualidades psicométricas evidenciou valores de consistência interna,  $\alpha$  de Cronbach, para as quatro subescalas de 0.85 (SPC), 0.82 (ER), 0.83 (H) e 0.72 (CTRF). Embora O'Neil não refira o valor de  $\alpha$  de Cronbach para a escala total, estudos feitos com a GRCS (Arnold, 1983; Chartier & Graff, 1986; Good & Mintz, 1990; Kim, 1990, citado por O'Neil *et al.*, 1995) apresentaram valores entre os 0.89 e 0.90. Os valores do teste-reteste efectuado por O'Neil, J. M.; Helms, B.; Gable, R.; David L. & Wrightsman, L. (1986) para as quatro subescalas variaram entre 0.72 (conflitos entre trabalho e relações familiares) e 0.86

(homofobia), com valores de 0.76 para a emocionalidade restrita e 0.84 para o sucesso, poder e competição. O valor para a escala total foi de 0.88. No nosso estudo foram encontrados valores de consistência interna,  $\alpha$  de Cronbach, de 0.83 para a SPC, 0.79 para a ER, 0.74 para a H, 0.89 para a CTRF e 0.71 para a ECPG (Nota total).

**Atitudes perante as mulheres.** Avaliada através da Escala de Atitudes Profeministas (EAP; Faria, M. & Lopes, P., 2001), versão reduzida da Attitudes toward Women Scale (AWS; Spence, J., Helmreich, 1978a), que é uma medida de auto-avaliação das atitudes perante as mulheres, que contém itens descrevendo os direitos, papéis e privilégios das mulheres, sendo solicitado o grau de aceitação em relação a estas afirmações. É composta por 15 itens, com formato de resposta numa escala tipo *Likert* de 4 pontos (1. Concordo totalmente a 4. Discordo totalmente), variando a pontuação total entre 15 e 60, com os valores mais elevados a corresponder a um maior grau de profeminismo e atitudes igualitárias (Spence & Helmreich, 1978b).

O estudo das qualidades psicométricas evidenciou valores de consistência interna,  $\alpha$  de Cronbach de 0.89. Foi encontrada uma correlação de 0.91 entre esta versão reduzida da AWS (1978) e a versão original desta escala (AWS, Spence & Helmreich, 1972). No nosso estudo foram encontrados valores de consistência interna,  $\alpha$  de Cronbach, de 0.81.

Em relação à validade, Spence & Helmreich (1978b) chamam à atenção para a existência de diferenças significativas entre os sexos na EAP. Os resultados evidenciaram que as mulheres são mais profeministas do que os homens e que os estudantes apresentam valores mais elevados de profeminismo do que outro grupo de jovens. Os estudantes com menos habilitações, apresentam mais atitudes negativas em relação às mulheres do que os estudantes mais graduados.

**Desejabilidade Social.** Avaliada através da Escala de Desejabilidade Social (EDS; Faria, M. & Cardoso, R., 1998), tradução efectuada a partir da Social Desirability Scale (SDS; Ballard, R., 1992), que é uma forma reduzida da escala original de Marlowe e Crowne (1961) constituída por 13 itens, de resposta Verdadeiro-Falso. A sua pontuação varia entre 0 e 13, com valores mais elevados a corresponderem a um grau de desejabilidade superior. Esta é uma medida que pretende avaliar se os sujeitos modificam as suas respostas, no sentido de estas

traduzirem atitudes que são socialmente valorizadas.

A EDS evidenciou valores de consistência interna,  $\alpha$  de Cronbach, de 0.70, valor semelhante ao da escala total, que foi de 0.75.

### 3. PROCEDIMENTO

Aos participantes foi pedida a colaboração voluntária para participação num estudo de investigação, onde o anonimato e a confidencialidade dos dados foi assegurada. Após explicação sobre o objectivo do estudo e esclarecimento de dúvidas, os questionários foram preenchidos individualmente pela seguinte ordem: EAH, QAP, ECPG, EAP, EDS, demorando cerca de 15 minutos.

### 4. RESULTADOS

Em primeiro lugar, o nível de tolerância com a homossexualidade foi analisado em função de algumas variáveis demográficas, como o estado civil, religião e habilitações literárias. Os resultados mostram que existem diferenças, a nível do estado civil [ $F(3,530) = 2.87; p \leq .05$ ], sendo que os casados/união de facto são o grupo menos homofóbico, seguidos pelos solteiros, viúvos e por fim os separados/divorciados como o grupo mais homofóbico (Ver tabela 3).

**Tabela 3** – Valores das atitudes perante a homossexualidade em função do Estado Civil

	<u>n</u>	<u>M</u>	<u>DP</u>	<u>F</u>	<u>p</u>
Atitudes perante a homossexualidade				2.87	.036
Solteiro <sup>a</sup>	353	76.81	13.41		
Casado/União de facto <sup>a</sup>	113	77.50	10.60		
Separado/Divorciado <sup>a</sup>	62	72.03	12.34		
Viúvo <sup>a</sup>	6	74.33	15.79		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes<sup>(1)</sup>.

Em relação à religião, também se verificaram diferenças significativas [ $F(3,530) = 5.40; p \leq .01$ ], sendo os sujeitos sem religião o grupo menos homofóbico, seguidos pelos católicos, e os sujeitos de outra religião como o grupo mais homofóbico (Ver tabela 4).



**Tabela 4** – Valores das atitudes perante a homossexualidade em função da Religião

	<u>n</u>	<u>M</u>	<u>DP</u>	<u>F</u>	<u>p</u>
Atitudes perante a homossexualidade				5.40	.005
Sem religião <sup>a</sup>	124	79.23	13.91		
Católica <sup>a,b</sup>	399	75.68	12.43		
Outra <sup>b</sup>	11	69.36	8.61		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes<sup>(1)</sup>.

Relativamente às habilitações literárias, também se verificaram diferenças significativas [F (3,530) = 14.41; p ≤ .001], sendo os sujeitos menos homofóbicos, os que apresentam maiores níveis de escolaridade, e os de escolaridade mais baixa os mais homofóbicos (Ver tabela 5).

**Tabela 5** – Valores das atitudes perante a homossexualidade em função das Habilitações Literárias

	<u>n</u>	<u>M</u>	<u>DP</u>	<u>F</u>	<u>p</u>
Atitudes perante a homossexualidade				14.41	.000
Instrução Primária <sup>a</sup>	49	68.18	10.18		
Secundário Incompleto <sup>a,b</sup>	161	73.05	12.21		
Secundário Completo <sup>a,b,c</sup>	91	75.77	12.43		
Frequência Universitária <sup>b,c</sup>	194	79.68	12.77		
Bacharelato <sup>a,b,c</sup>	4	79.00	8.98		
Licenciatura <sup>c</sup>	35	86.09	9.11		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes<sup>(1)</sup>.

A partir das variáveis Masculinidade e Feminilidade, foi construída uma variável, designada por TIPO, com quatro categorias, alto e baixo das variáveis Masculinidade e Feminilidade. Estas quatro categorias ou quadrantes são as seguintes: **a)** Andróginos, que possuem um nível alto de masculinidade e feminilidade, **b)** Masculinos, com um nível de masculinidade alto e de feminilidade baixo, **c)** Femininos, com nível de masculinidade baixo e de feminilidade alto e **d)** Indiferenciados, com um nível baixo de masculinidade e de feminilidade (Ver a figura 1).

Masculino +	Masculinos	Andróginos	
Feminino –	Indiferenciados	Femininos	Feminino +
Masculino			

**Figura 1** – Tipos sexuais derivados a partir da escala do QAP

Em relação ao tipo sexual, verificámos que o grupo de indiferenciados apresenta resultados significativamente mais baixos (mais homofóbicos), que os restantes três grupos [F (3,530) = 11.83; p ≤ .001] (Ver Tabela 6).

**Tabela 6** – Valores das atitudes perante a homossexualidade em função do tipo sexual

	<u>n</u>	<u>M</u>	<u>DP</u>	<u>F</u>	<u>p</u>
Atitudes perante a homossexualidade				11.83	.000
Andróginos <sup>a</sup>	136	79.91	11.90		
Femininos <sup>a</sup>	141	78.93	13.23		
Indiferenciados <sup>b</sup>	152	72.51	11.77		
Masculinos <sup>b</sup>	105	73.95	13.05		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes<sup>(1)</sup>.

Em seguida foi realizada uma análise de variância, em que utilizámos como variáveis independentes o grupo e o sexo, e como variáveis dependentes o nível de tolerância com a homossexualidade, o conflito com o papel de género masculino, as atitudes perante as mulheres, atributos pessoais e a desejabilidade social. A variável independente grupo possui quatro níveis [Toxicodependentes em programa de metadona de baixo limiar, ex-toxicodependentes, técnicos de intervenção em toxicodpendência e estudantes universitários] e o sexo com dois níveis (Masculino e Feminino).

#### Análise das diferenças entre grupos e sexo para a EAH

No que respeita à EAH, verificámos, que o grupo dos toxicodependentes apresenta resultados significativamente mais baixos (mais homofóbicos), que os outros três grupos [F (3,530) = 18.92; p ≤ .001].

Através do teste *Post Hoc-Tukey* verificou-se que estas diferenças foram significativas entre os grupos de técnicos, estudantes universitários e ex-toxicodependentes em relação aos toxicodependentes (Ver Tabela 7).

**Tabela 7** – Valores das atitudes perante a homossexualidade por grupo

	<u>M</u>	<u>DP</u>	<u>F</u>	<u>p</u>
Atitudes perante a homossexualidade			18.92	.000
Toxicodependentes <sup>a</sup>	72.33	11.71		
Ex-toxicodependentes <sup>b</sup>	78.02	12.65		
Técnicos <sup>b</sup>	82.04	12.39		
Estudantes universitários <sup>b</sup>	79.38	12.88		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes<sup>(1)</sup>.

Relativamente ao sexo foram encontradas diferenças significativas [ $t = -7.57$ ;  $p \leq .001$ ], onde o sexo masculino mostrou ser mais homofóbico que o sexo feminino (Ver Tabela 8).

**Tabela 8** – Diferenças das atitudes perante a homossexualidade por sexo

	<u>n</u>	<u>M</u>	<u>DP</u>	<u>t</u>	<u>p</u>
Atitudes perante a homossexualidade				-7.57	.005
Masculino	327	73.19	12.47		
Feminino	207	81.40	11.78		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes.

#### **Análise das diferenças entre grupos e sexo para o QAP**

Quanto aos atributos pessoais, existem diferenças significativas, quer na Masculinidade [ $F(3,530) = 6.88$ ;  $p \leq .001$ ], quer na Feminilidade [ $F(3,530) = 4.76$ ;  $p \leq .01$ ]. Na Masculinidade, o grupo de toxicodependentes é o que obteve o valor significativamente mais baixo, seguindo-se o grupo de técnicos, estudantes universitários e ex-toxicodependentes, diferenciando-se estes dois últimos do grupo de toxicodependentes. A nível da Feminilidade, os toxicodependentes continuam a obter o resultado mais baixo, seguindo-se o grupo de ex-toxicodependentes, técnicos e por fim os estudantes universitários.

Para a Masculinidade o teste *Post Hoc-Tukey* revelou, que existem diferenças significativas entre os toxicodependentes e os estudantes universitários e ex-toxicodependentes.

Para a Feminilidade o teste *Post Hoc-Tukey* não mostrou diferenças significativas entre os vários grupos (Ver Tabela 9).

**Tabela 9** – Valores das escalas de masculinidade e feminilidade do QAP por grupo

	<u>M</u>	<u>DP</u>	<u>F</u>	<u>p</u>
Masculinidade			6.88	.000
Toxicodependentes <sup>a</sup>	26.24	4.48		
Ex-toxicodependentes <sup>b</sup>	28.05	3.35		
Técnicos <sup>a,b</sup>	27.21	3.71		
Estudantes universitários <sup>b</sup>	28.01	3.88		
Feminilidade			4.76	.003
Toxicodependentes <sup>a</sup>	29.92	5.16		
Ex-toxicodependentes <sup>a</sup>	30.51	4.11		
Técnicos <sup>a</sup>	31.13	3.54		
Estudantes universitários <sup>a</sup>	31.61	4.02		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes<sup>(1)</sup>.

A nível dos sexos, verifica-se que não existem diferenças significativas a nível da Masculinidade, enquanto que na Feminilidade [ $t = -4.46$ ;  $p \leq .001$ ], o sexo feminino obteve valores significativamente mais elevados (Ver Tabela 10).

**Tabela 10** – Diferenças nas escalas masculinidade e feminilidade do QAP por sexo

	<u>n</u>	<u>M</u>	<u>DP</u>	<u>t</u>	<u>p</u>
Masculinidade				1.52	n.s.
Masculino	327	27.25	4.24		
Feminino	207	26.69	4.07		
Feminilidade				-4.46	.000
Masculino	327	29.95	4.67		
Feminino	207	31.73	4.24		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes.

#### **Análise das diferenças entre grupos e sexo para a EAP**

No que respeita à EAP, existem diferenças significativas entre os grupos [ $F(3,530) = 23.76$ ;  $p \leq .001$ ], sendo os toxicodependentes, os que têm atitudes menos profeministas. No outro extremo, situa-se o grupo dos técnicos, sendo o terceiro subgrupo, formado pelos ex-toxicodependentes e pelos estudantes universitários.

Através do teste *Post Hoc-Tukey* verificou-se que estas diferenças foram significativas entre os grupos de toxicodependentes e os grupos de ex-toxicodependentes, estudantes universitários e técnicos, bem como, entre o grupo de técnicos e os estudantes universitários e ex-toxicodependentes (Ver Tabela 11).

**Tabela 11** – Valores das atitudes perante as mulheres por grupo

	<u>M</u>	<u>DP</u>	<u>F</u>	<u>p</u>
Profeminismo			23.76	.000
Toxicodependentes <sup>a</sup>	45.22	5.86		
Ex-toxicodependentes <sup>b</sup>	48.46	5.32		
Técnicos <sup>c</sup>	50.78	4.96		
Estudantes universitários <sup>b</sup>	48.26	6.18		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes<sup>(1)</sup>.

Em relação ao sexo, verificam-se diferenças significativas [ $t = -8.75$ ;  $p \leq .001$ ], sendo o sexo feminino mais profeminista, como era de esperar (Ver Tabela 12).

**Tabela 12** – Diferenças nas atitudes perante as mulheres por sexo

	n	M	DP	t	p
Profeminismo				-8.75	.000
Masculino	327	45.52	5.99		
Feminino	207	49.99	5.31		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes.

### Análise das diferenças entre grupos e sexo para a EDS

Relativamente à desejabilidade social, verificam-se diferenças significativas, entre os grupos [F (3,539) = 13.24;  $p \leq .001$ ]. Os ex-toxicodependentes apresentam valores de desejabilidade social, significativamente inferiores aos toxicodependentes. O terceiro subgrupo é constituído pelos técnicos e estudantes universitários.

Através do teste *Post Hoc-Tukey* verificou-se, que estas diferenças foram significativas entre o grupo dos ex-toxicodependentes e os estudantes universitários, técnicos e toxicodependentes, bem como, entre o grupo de toxicodependentes e os estudantes universitários e técnicos (Ver Tabela 13).

**Tabela 13** – Valores de desejabilidade social por grupo

	M	DP	F	p
Desejabilidade social			13.24	.000
Toxicodependentes <sup>a</sup>	6.32	2.89		
Ex-toxicodependentes <sup>b</sup>	4.83	2.57		
Técnicos <sup>c</sup>	7.57	2.95		
Estudantes universitários <sup>b</sup>	7.50	3.09		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes<sup>(1)</sup>.

Em relação ao sexo, verificámos que o sexo feminino, apresenta níveis de desejabilidade social, significativamente superiores ao sexo masculino [t = -2.63;  $p \leq .01$ ] (Ver Tabela 14).

**Tabela 14** – Diferenças nos níveis de desejabilidade social por sexo

	n	M	DP	t	p
Desejabilidade social				-2.63	.009
Masculino	327	6.47	3.07		
Feminino	207	7.18	2.93		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes.

### Análise das diferenças entre grupos para a ECPG

A nível do conflito com o papel de género, à excepção da subescala CTRF, que não se revela discriminativa, verifica-se, que os toxicodependentes têm níveis de conflito com o papel de género significativamente mais alto, em todas as restantes subescalas, SPC [F (3,323) = 10.02;  $p \leq .001$ ]; ER [F (3,323) = 11.05;  $p \leq .001$ ]; H [F (3,323) = 6.14;  $p \leq .001$ ] e ECPG (Nota total) [F (3,323) = 8.38;  $p \leq .001$ ]. Regra geral, os valores mais baixos de conflito com o papel de género, pertencem aos técnicos e ex-toxicodependentes, situando-se os estudantes universitários, em posição intermédia.

Através do teste *Post Hoc-Tukey* verificou-se, que para as subescalas SPC, ER e ECPG (Nota total), estas diferenças foram significativas entre o grupo de toxicodependentes e os grupos de ex-toxicodependentes e técnicos. Para a subescala H, o teste *Post Hoc-Tukey* revelou diferenças significativas, entre o grupo dos toxicodependentes e o grupo dos técnicos (Ver Tabela 15).

**Tabela 15** – Valores do conflito com o papel de género masculino por grupos

	M	DP	F	p
Sucesso, poder e competição			10.02	.000
Toxicodependentes <sup>a</sup>	49.37	10.75		
Ex-toxicodependentes <sup>b</sup>	42.64	10.23		
Técnicos <sup>b</sup>	41.46	8.71		
Estudantes universitários <sup>a,b</sup>	44.65	9.70		
Emocionalidade restrita			11.05	.000
Toxicodependentes <sup>a</sup>	33.03	8.70		
Ex-toxicodependentes <sup>b</sup>	28.71	8.61		
Técnicos <sup>b</sup>	25.56	7.38		
Estudantes universitários <sup>a,b</sup>	28.98	8.17		
Homofobia			6.14	.000
Toxicodependentes <sup>a</sup>	25.13	7.39		
Ex-toxicodependentes <sup>a,b</sup>	21.57	8.95		
Técnicos <sup>b</sup>	20.23	6.52		
Estudantes universitários <sup>a,b</sup>	23.31	6.66		
Conflitos trab./rels. familiares			2.13	.096
Toxicodependentes <sup>a</sup>	20.55	6.01		
Ex-toxicodependentes <sup>a</sup>	21.75	5.93		
Técnicos <sup>a</sup>	23.05	5.20		
Estudantes universitários <sup>a</sup>	21.31	5.64		
GRCS (Nota total)			8.38	.000
Toxicodependentes <sup>a</sup>	128.08	25.14		
Ex-toxicodependentes <sup>b</sup>	114.68	27.97		
Técnicos <sup>b</sup>	110.31	21.11		
Estudantes universitários <sup>a,b</sup>	118.25	21.30		

Nota: Os índices referem-se aos subgrupos significativamente diferentes<sup>(1)</sup>.

### Análise das correlações entre as subescalas da EAH, QAP, ECPG, EAP e EDS

Foi efectuada uma matriz de correlações entre as variáveis avaliadas pela EAH, QAP, ECPG, EAP, EDS (Ver Tabela 16). Verifica-se que a tolerância perante a homossexualidade, está negativamente correlacionada com os vários componentes do conflito com o papel de género (sucesso, poder e competição; emocionalidade restrita e homofobia) tendo as correlações variado entre  $-.23$  e  $-.36$  ( $p \leq .01$ ); positivamente correlacionada de forma forte com o profeminismo ( $r = .57$ ,  $p \leq .01$ ), moderada com a feminilidade ( $r = .31$ ,  $p \leq .01$ ) e fraca com a desejabilidade social ( $r = .10$ ,  $p \leq .05$ ).

No que diz respeito à subescala masculinidade do QAP, observa-se uma correlação negativa média com a emocionalidade restrita ( $r = -.26$ ,  $p \leq .01$ ) e com a ECPG (Nota total) ( $r = -.17$ ,  $p \leq .01$ ); está positivamente

correlacionada, de forma moderada com a QAP-F ( $r = .25$ ,  $p \leq .01$ ) e de forma fraca com o profeminismo ( $r = .10$ ,  $p \leq .05$ ). A feminilidade apresenta, correlações negativas fracas, com os componentes do conflito com o papel de género, tendo as correlações variado entre  $-.12$  (CTRF) e  $-.14$  (H), ( $p \leq .05$ ) e  $-.20$  (ECPG) e  $-.23$  (ER), ( $p \leq .01$ ), e positivas moderadas com o profeminismo ( $r = .31$ ,  $p \leq .01$ ), o qual está igualmente correlacionado de forma negativa com as várias dimensões do conflito com o papel de género, variando as correlações entre  $-.24$  e  $-.32$ , ( $p \leq .01$ ).

A desejabilidade está positivamente correlacionada com a feminilidade ( $r = .18$ ,  $p \leq .01$ ) e profeminismo ( $r = .10$ ,  $p \leq .05$ ), e negativamente com os vários componentes do conflito com o papel de género, sendo todas estas correlações fracas ( $r = -.13$ , ( $p \leq .05$ ) para a CTRF e variando de  $-.15$  (H) e  $-.21$  (ECPG), ( $p \leq .01$ ).

**Tabela 16** – Correlações entre a EAH, QAP, ECPG, EAP e EDS

	QAP-M	QAP-F	SPC	ER	H	CTRF	ECPG (Total)	EAP	EDS
EAH	.08	.31**	-.33**	-.23**	-.36**	-.03	-.34**	.57**	.10*
QAP-M		.25**	-.08	-.26**	-.10	-.06	-.17**	.10*	.08
QAP-F			-.13*	-.23**	-.14*	-.12*	-.20**	.31**	.18**
SPC				.46**	.42**	.41**	.82**	-.24**	-.16**
ER					.57**	.35**	.80**	-.26**	-.16**
H						.27**	.74**	-.32**	-.15**
CTRF							.61**	-.01	-.13*
ECPG								-.29**	-.21**
EAP									.10*

Nota: EAH = Escala de atitudes perante a homossexualidade; QAP-M = Masculinidade; QAP-F = Feminilidade; SPC = Sucesso, poder e competição; ER = Emocionalidade restrita; H = Homofobia; CTRF = Conflitos entre o trabalho e relações familiares; ECPG (Total) = Conflitos com o papel de género masculino; EAP = Escala de atitudes perante as mulheres (Profeminismo); EDS = Escala de desejabilidade social.

Nota: \* $p \leq .05$ . \*\* $p \leq .01$

### Análise de regressão

Foi realizada uma regressão linear (Método *Stepwise*), tomando como variável dependente a homofobia e como variáveis independentes, o sexo, as habilitações literárias, religião e estado civil. O sexo, habilitações literárias e estado

civil, por esta ordem, mostraram-se significativas, explicando no seu conjunto cerca de 11% da variável dependente, ao contrário da religião. Assim, verifica-se que a homofobia está associada ao sexo masculino, habilitações literárias mais baixas e indivíduos separados ou divorciados (Ver Tabela 17).

**Tabela 17** – Análise de regressão múltipla das variáveis predictoras das atitudes perante a homossexualidade para os toxicodpendentes

VD	Passo	VI	R <sub>2</sub>	R <sub>2</sub> ajustado	β	t
Atitude perante a homossexualidade	1	Sexo	.05	.05	.22	3.66
	2	Habilitações Literárias	.09	.08	.19	3.11
	3	Estado civil	.11	.10	-.15	-2.49

Nota: A variável religião não foi significativa para  $\alpha = .05$ ,  $p \leq .05$

## 5. DISCUSSÃO

Em relação às atitudes homofóbicas e conflitos com o papel de género, avaliados respectivamente, pela EAH e ECPG, confirmou-se a hipótese inicialmente dirigida. Assim, relativamente às atitudes homofóbicas, o grupo de toxicodpendentes em programa de metadona de baixo limiar obteve valores significativamente superiores em relação aos técnicos de intervenção em toxicodpendência, aos estudantes universitários e aos ex-toxicodpendentes. No que diz respeito aos conflitos com o papel de género, os toxicodpendentes em programa de metadona de baixo limiar apresentaram também níveis de conflito mais elevados que os restantes grupos. Estes resultados confirmam o que foi dito por Bergeret (1984), Miguel (1990) e Ritter e Cole (1992), que afirmam que os toxicodpendentes, comparativamente aos sujeitos não consumidores de drogas, apresentam níveis de conflito com o papel de género superiores. Podemos ainda sustentar este resultado, através das reformulações de Ritter e Cole (1992), que afirmam que o isolamento, a depressão, os problemas emocionais e psicológicos, factores prevalentes na população toxicodpendente, bem como o abuso de substâncias psicoactivas e a insatisfação na relação com o outro afirmada por Moradi *et al.* (2000), estão relacionadas com uma maior prevalência de conflitos com o papel de género. Acrescente-se que o país e a cultura em que nos inserimos, tornam-se factores contribuintes do equilíbrio psíquico e da organização da personalidade, podendo ser os conflitos com o papel de género veiculados pelo meio ou fazer parte de uma alteração temporária.

Em relação ao grau mais elevado de atitudes homofóbicas apresentada pela população toxicodpendente em programa de metadona de baixo limiar, não temos suporte teórico que sustente de uma forma directa a hipótese colocada, mas alguns autores (Bancroft, 1983; Miguel, 1990; Ritter & Cole, 1992), consideram que, os sentimentos de insegurança em relação à orientação sexual e o medo da feminilidade, podem provocar uma reacção de afirmação de masculinidade, através da agressividade face aos homossexuais.

É de realçar que o nosso estudo evidenciou que a população ex-toxicodpendente, em termos de atitudes

homofóbicas, apresenta diferenças significativas em relação à população toxicodpendente em programa de metadona de baixo limiar. Em nossa opinião, a intervenção psico e socioterapêutica, sempre presente no tratamento dos toxicodpendentes, permite-lhes evoluir e diminuir a sua homofobia. O tratamento quer em comunidade terapêutica, quer em ambulatório, traduz-se, num processo de crescimento interno e reestruturante, onde a aceitação e a afirmação da identidade sexual do sujeito, porventura muitas vezes indefinida ou posta em causa no passado de dependência de drogas, se afirmaria, diminuindo o emergir das atitudes homofóbicas defensivas da própria integridade do sujeito. Esta mesma hipótese explicativa poderá ser colocada em relação à deseabilidade social onde esta população apresentou também os menores índices.

A hipótese colocada em relação às diferenças entre os sexos, foi igualmente confirmada. Assim, os homens apresentam mais atitudes homofóbicas do que as mulheres, indo de encontro aos resultados encontrados por Hansen (1982), Kite (1992), Van de Ven (1994), Whitley e Kite (1995), citados por Crooks e Baur (1996).

De realçar que os sujeitos com maior prevalência de estereótipos femininos, caracterizados por serem emotivos, gentis, prestáveis, amáveis, compreensivos, calorosos, dependentes e capaz de se dedicar aos outros, apresentam uma correlação negativa com a homofobia, ou seja, são menos homofóbicos. No sentido inverso, os sujeitos mais instrumentais, caracterizados por serem activos, independentes, competitivos, tomam decisões com facilidade, persistentes, autoconfiantes, que se sentem superiores e que aguentam bem as pressões, não apresentam correlação com a homofobia, ou seja, a QAP-M, não discrimina os sujeitos relativamente à homofobia. Podemos afirmar, com base no suporte teórico existente, que esta é uma das formas de expressão da homofobia, onde se verifica um claro evitamento de todos os contactos que eventualmente possam ocorrer com sujeitos homossexuais (Crooks & Baur, 1996). Poderá também significar, que esta população não é homogénea quanto à homofobia, existindo nela sujeitos onde o estereótipo masculino corresponde a uma masculinidade real, que não necessita de homofobia para a sua afirmação e outros sujeitos, em que a instrumentalidade corresponde a um evitamento e

insegurança em que a homofobia talvez exista. Contudo, não se deve confundir a tolerância/homofobia com a masculinidade/feminilidade, já que esta última não se situa num eixo bipolar.

Este estudo não contemplou os possíveis casos de desordens da personalidade presentes na nossa amostra, algo que segundo Ritter & Cole (1992), pode contribuir para a presença de comportamentos homofóbicos e conflitos com o papel de género em grupos de toxicodependentes. A inexistência de outras investigações realizadas relativamente às atitudes homofóbicas em toxicodependentes, levou-nos a sentir algumas dificuldades na formulação de alguns aspectos teóricos.

Para futuras investigações deixamos a proposta de aplicação dos instrumentos por nós utilizados, em estudos comparativos com outras populações, nomeadamente, populações de meio urbano em comparação com as de meio rural, ou populações adolescentes em comparação com uma população adulta, ou de populações com crenças religiosas diferentes.

Esperamos igualmente com a nossa investigação estimular o estudo da população toxicodependente, que apesar de muitas vezes ser analisada e socialmente censurada pelos seus comportamentos, não é suficientemente estudada na sua especificidade em relação à população não consumidora de drogas.

Na toxicodependência como na homofobia, poderá dizer-se que alguém é ou está?

### Contactos

#### Paulo Lopes

pjflopes@netcabo.pt

916608521

Psicólogo Clínico

Docente Universitário

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

#### Miguel Faria

mfaria@netcabo.pt

933021641

Psicólogo Clínico

Docente Universitário

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

### NOTA

(1) São estatisticamente significativos quando os valores do índice (a, b, c) são diferentes entre os grupos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ballard, R. (1992). "A short form of the Marlowe-Crowne social desirability scale". *Psychological Reports*, 71: 1155-1160.

Bancroft, J. (1983). *Human sexuality and its problems*. New York: Churchill Livingstone.

Bergeret, J. (1984). *La personnalité du toxicomane*. Précis des toxicomanies, Masson.

Britton, D. M. (1990). "Homophobia and homosociality: An analysis of boundary maintenance". *Sociological Quarterly*, 3: 423-439.

Crooks, R. & Baur, K. (1996). *Our sexuality*. Library of congress cataloging-in-publication data.

Hansen, G. D. (1982). "Androgyny, sex-role orientation, and homossexismo". *Journal of Psychology*, 112 (1): 39-45.

Kite, M. E. & Deaux, K. (1986). "Attitudes toward homosexuality: Assessment and behavioural consequences". *Basic and Applied Social Psychology*, 7 (2): 137-162.

Kite, M. E. (1992). "Psychometric properties of the homosexuality attitude Scale". *Representative Research in Social Psychology*, 19 (2).

Kurdek, L. A. (1988). "Relationship quality of gay and lesbian cohabitating couples". *Journal of Homosexuality*, 15: 93-118.

Lunn, V. (1993). *Combater a Homofobia*. Retirado em 22 de Janeiro de 2002 da World Wide Web: <http://planeta.clix.pt/homofobia/definições.html>

Marlowe, D. & Crowne, D. P. (1961). "Social desirability and response to perceived situational demands". *J. Consulting Psychology*, 25: 109-115.

Miguel, N. (1990). "Sexualidade e toxicodependência". *Colectânea de Textos das Taipas*, Vol. III: 339-343.

Moradi, B.; Tokar, D. M.; Schaub, M.; Jome, L. M. & Serna, G. S. (2000). "Revisiting the structural validity of the gender role conflict scale". *Psychology of Men and Masculinity*, 1 (1): 62-69.

Morel, A.; Hervé, F. & Fontaine, B. (1998). *Cuidados ao toxicodependente*. Lisboa: Climepsi.

Olievenstein, C. (1979). *A Droga*. Lisboa: Editorial Pórtico.

O'Neil, J. M., Helms, B.; Gable, R.; David, L.; Wrightsman, L. (1986). "Gender role conflict scale: college men's fear of femininity". *Sex roles*, 14: 335-350.

O'Neil, J. M., Good, G. E. & Holmes, S. (1995). "Fifteen years of theory and research on men's gender role conflict: New paradigms for empirical research". In R. F. Levant & W. S. Pollack (Eds.). *A New Psychology of Men* (pp. 164-206). New York: Basic Books.

Ritter, A. J. & Cole, M. J. (1992). "Men's issues: gender role conflict and substance abuse". *Drug and Alcohol Review*, 11: 163-167.

Seltzer, R. (1992). "The social location of those holding antihomosexual attitudes". *Sex Roles*, 26: 391-398.

Spence, J. T. & Helmreich, R. (1972). "The Attitudes towards Women Scale: An objective instrument to measure attitudes towards the rights and roles of women in contemporary society". *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, 2, 66.

Spence, J. T. & Helmreich, R. (1978a). "Attitudes toward Women Scale" (AWS). Retirado em 26 de Novembro de 2001 da World Wide Web: <http://www.atkinson.yorku.ca/~psyctest/attwomen.html>

Spence, J. T. & Helmreich, R. (1978b). *Masculinity & Femininity: Their psychological dimensions, correlates, and antecedents*. Austin: University of Texas Press.

Spence, J. T., Helmreich & R., Stapp, J. (1974). "The Personal attributes questionnaire: A measure of sex role stereotypes and masculinity-femininity". *Catalog of Selected Documents in Psychology*, 4: 43-44.

Sprecher, S. & McKinney, K. (1993). *Sexuality*. London: Sage Publications, Ltd.

Van de Ven, P. (1994). "Comparisons among homophobic reactions of undergraduates, high school students, and young offenders". *Journal of Sex Research*, 31 (2): 117-124.